

# OIKOS $\sigma$

Revista de economia heterodoxa  
nº 7, ano VI • 2007  
ISSN 1808-0235



patrocínio



## Os fluxos comerciais China- América do Sul: uma reflexão sobre a agenda de integração sul- americana

**LIA VALLS PEREIRA** | liavalls@fgv.br

Coordenadora de Projetos do Instituto Brasileiro de Economia/FGV e  
Professora da Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ

**Resumo** O fluxo de comércio da China com a América do Sul é apenas um dos componentes que integra uma reflexão sobre como o "fenômeno China" influencia as estratégias, perspectivas e o papel dos países sul-americanos no cenário político-econômico mundial. No entanto, a intensidade e a composição do intercâmbio comercial influenciam as negociações comerciais e a formação de posições comuns nos fóruns multilaterais e regionais. O objetivo desse artigo é descrever o quadro geral do comércio da China com países sul-americanos. A China está entre os dez principais parceiros comerciais para todos esses países, exceto como destino das exportações em dois casos. Em adição, as trocas comerciais são de caráter comum. Os países sul-americanos são exportadores de matérias-primas e importadores de manufaturados chineses. Uma breve reflexão sobre o "fator China" na agenda de integração sul-americana é apresentada a partir dessa observação. **Palavras-chave** *China, Mercosul, Relações Comerciais, Integração Sul-americana.*

**Resumen** El flujo de comercio de China con Sudamérica es solo uno de los componentes que integra una reflexión sobre como el "fenómeno China" influye en las estrategias, perspectivas y en el papel de los países sudamericanos en el escenario político-económico mundial. Sin embargo, la intensidad y la composición del intercambio comercial influyeron en las negociaciones comerciales y en la formación de posiciones comunes en los foros multilaterales y regionales. El objetivo de ese artículo es describir el cuadro general del comercio de China con países sudamericanos. China está entre los diez principales compañeros comerciales para todos esos países, excepto como destino de las exportaciones en dos casos. En adición, los cambios comerciales son de carácter común. Los países sudamericanos son exportadores de materias primas e importadores de manufaturados chinos. Una breve reflexión sobre el "Factor China" en la agenda de integración sudamericana es presentada a partir de esa observación". **Palabras Clave** *China, Mercosur, Relaciones Comerciales, Integración Sudamericana.*

O presente artigo apresenta algumas considerações adicionais (o tema da integração sul-americana) em relação ao artigo publicado com o título "A China nos Fluxos Comerciais dos Países Sul-Americanos", Análise de Conjuntura OPISA nº 2, fevereiro de 2007, Observatório Político Sul-Americano, <http://observatorio.iuperj.br>. Em adição, a presente versão não apresenta a análise das perdas das exportações brasileiras em terceiros mercados em função da concorrência com produtos chineses.

## Introdução

O “fenômeno China” é tema obrigatório nas atuais análises sobre o cenário político e econômico mundial. A China irá se constituir numa potência capaz de alterar a agenda política internacional, pautada principalmente pelos interesses das principais economias do Ocidente? A China será um aliado político na construção de uma posição comum dos países em desenvolvimento nos fóruns multilaterais? Qual o impacto da China nos fluxos de comércio e investimentos na economia mundial?

Todas essas questões integram uma reflexão sobre como “o fenômeno China” influencia as estratégias, perspectivas e o papel dos países sul-americanos no cenário político-econômico mundial. Os fluxos comerciais da China com a América do Sul são apenas um dos componentes que integram essa análise. No entanto, a intensidade e a composição do intercâmbio comercial influenciam as negociações comerciais e a formação de posições comuns nos fóruns multilaterais e regionais.

A importância da China nas relações comerciais com os países sul-americanos está associada a duas questões gerais. A primeira se refere aos potenciais de ganhos e perdas no comércio exterior. No ano de 2005, foi o terceiro maior mercado importador (participação de 6,1% nas importações mundiais, após os Estados Unidos, com um percentual de 16,1% e a Alemanha de 7,2%). Foi o terceiro maior exportador (participação de 7,3% nas exportações mundiais, após a Alemanha e os Estados Unidos, com percentuais de 9,3% e 8,7%, respectivamente). Logo, a China representa um mercado de exportações importante, mas seu crescimento no comércio mundial representa um aumento da concorrência para os produtos sul-americanos nos seus mercados domésticos e em terceiros países. A segunda questão está associada ao quadro de negociações comerciais no âmbito multilateral da Organização Mundial de Comércio (OMC) e da possibilidade de acordos regionais.

O objetivo dessas notas é descrever o quadro geral do comércio da China com países sul-americanos através das últimas informações disponíveis pelos bancos de dados internacionais, o ano de 2005.<sup>1</sup> Em seguida, são ressaltadas as principais características do comércio Brasil-China. Por último, algumas notas sobre o tema das negociações comerciais multilaterais e bilaterais são apresentadas.

1 A fonte de dados para a análise de comércio é o Direction of Trade Statistics do Fundo Monetário Internacional. Segue a classificação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento em função da renda per capita dos países, prática adotada pelos organismos internacionais.

## O Comércio da China: O Quadro Geral

No ano de 2005, os Estados Unidos foram o principal destino das exportações chinesas — a participação das exportações estadunidenses nas exportações mundiais da China foi de 21,5%. Os países da América do Sul registraram uma participação de 1,5%.<sup>2</sup> Um aumento de 0,1 pontos percentuais em relação ao ano de 2000. Entre os países da América do Sul, o Brasil foi o principal mercado de destino das exportações chinesas. O mercado brasileiro foi o 22º principal mercado das exportações chinesas, mas a participação na pauta mundial das exportações da China é pequena — 0,63%. O segundo lugar na classificação dos países sul-americanos é do Chile. Na pauta chinesa de exportações, o Chile está no 40º entre os principais mercados de destino das exportações (participação de 0,28%).

Na análise dos dados de importações da China, o Japão ocupa o primeiro lugar (15,2% das importações mundiais da China, em 2005), seguido dos Estados Unidos (participação de 11,7%). A participação dos países da América do Sul foi de 3,4%, em 2005, um aumento de 1,3 pontos percentuais em comparação com o ano de 2000. O Brasil é o principal mercado de importações chinesas entre os países da América do Sul. O país é o 12º principal mercado com uma participação de 1,5% nas importações mundiais chinesas. As importações oriundas do Chile — o segundo principal mercado na América do Sul — representaram 0,75% das importações mundiais chinesas, em 2005. O país é o 21º principal mercado das importações chinesas.

Logo, no comércio exterior da China, a região sul-americana é mais importante como fornecedora de mercadorias (3,4% do total das importações) do que como mercado de destino das exportações (1,5%).

O comércio exterior da China apresenta saldos deficitários com os países em desenvolvimento — US\$ 2.571 milhões — e superavitário com os países desenvolvidos — US\$ 158.605 milhões (tabela 1). Nas relações com os países em desenvolvimento predominam as demandas de importações chinesas de recursos minerais e agrícolas que permitem ao país solucionar restrições domésticas associadas às altas taxas de crescimento econômico do país. O comércio com os países desenvolvidos está associado ao investimento direto estrangeiro no país. No ano de 2005, 58,3% das exportações e 58,7% das importações estão associados a esses fluxos. A China oferece vantagens em termos de custo da mão-de-obra e benefícios para os investimentos

2 Os dados sobre a América do Sul excluem a Guiana, Guiana Francesa e o Suriname.

estrangeiros, o que a transforma em importante plataforma de exportações, além do atrativo do tamanho do seu mercado interno.

Tabela 1: Saldos da Balança Comercial da China (2005)

Regiões	Saldo (US\$ milhões)
Países Desenvolvidos	158.605
Países em Desenvolvimento	-2.571
África	-3.653
Ásia	-1.097
América do Sul	-10.883
Total	102.119
Fonte: Direction of Trade Statistics	

A composição da pauta chinesa de comércio exterior é similar à das principais outras duas economias no comércio mundial (tabela 2). As principais diferenças estão na composição dos fluxos de exportações, com uma baixa participação dos produtos agrícolas (3,8%) e um percentual acima de 90% das manufaturas.

É esperado que a China, como o terceiro maior mercado no comércio mundial apresente valores menores que os registrados na pauta dos Estados Unidos e da Alemanha. No entanto, nas importações de combustíveis e minerais, o resultado de US\$ 119.760 milhões é quase idêntico ao da Alemanha de US\$119.940 milhões. O saldo deficitário de produtos agrícolas é menor do que o da Alemanha, porém maior que o dos Estados Unidos.

Tabela 2: Composição dos Fluxos de Comércio dos Principais Países no Comércio Mundial (2005)

Países	Exportações					
	Agriculturas		Combustíveis e Minerais		Manufaturas	
	Part (%)	US\$ milhões	Part (%)	US\$ milhões	Part (%)	US\$ milhões
Alemanha	5,4	52.372	4,7	45.583	87,0	843.776

Estados Unidos	9,1	82.299	5,6	50.645	81,0	732.550
China	3,8	28.954	4,1	31.240	91,9	700.235
	Importações					
	Part (%)	US\$ milhões	Part (%)	US\$ milhões	Part (%)	US\$ milhões
Estados Unidos	5,5	95.279	19,4	336.075	71,5	1.238.629
Alemanha	9,0	69.642	15,5	119.940	73,8	571.067
China	6,8	44.880	18,1	119.460	74,7	493.022
	Saldos Comerciais (US\$ milhões)					
	Agriculturas		Combustíveis e Minerais		Manufaturas	
Estados Unidos	-12.980		-285.430		-506.079	
Alemanha	-17.270		-74.356		272.709	
China	-15.926		-88.220		207.213	

Fonte: www.wto.org

Obs: A soma dos percentuais não é 100, devido aos produtos não classificados

O superávit da Alemanha em manufaturas foi de US\$ 272.709 milhões e o da China de US\$ 207.213 milhões, no ano de 2005. A diferença entre as exportações de manufaturas dos Estados Unidos e da Alemanha é negativa no valor de US\$ 111.226 milhões e com a China, o saldo negativo é de 32.315 milhões de dólares. Diante desses resultados, as demandas de proteção pelos setores industriais estadunidenses em relação aos manufaturados chineses não é uma mera questão de déficits comerciais. A questão central se refere ao tema dos subsídios associados aos incentivos para o investimento direto estrangeiro, que poderiam ser interpretados como práticas de “concorrência desleal” e outras práticas relativas às legislações de trabalho e meio-ambiente. Ademais, enquanto a competitividade dos produtos alemães no comércio mundial já é um fato “absorvido”, o “fenômeno China” é um fato novo, que acirra a concorrência no mercado doméstico dos Estados Unidos e no comércio mundial.<sup>3</sup>

3 Foge ao escopo desse artigo analisar as relações China-Estados Unidos. No entanto, o tema do “protecionismo” em relação às importações chinesas pelos Estados Unidos envolve um leque amplo de considerações. É preciso considerar; os interesses das empresas estadunidenses que localizam parte de suas atividades produtivas no território chinês: as empresas que não “globalizaram” suas atividades; os trabalhadores de setores que foram “globalizados” e interpretações por diferentes grupos sobre o papel das diretrizes políticas/econômicas do governo em relação ao déficit comercial dos Estados Unidos com a China, sendo um dos temas a questão cambial.

A apresentação dos dados sobre as outras duas principais economias do comércio mundial, numa reflexão sobre o tema China e a América do Sul, visa ressaltar os pontos seguintes. Todos os três países apresentam déficits no comércio agrícola e de combustíveis e minerais. No entanto, a China é um país que está num processo de construção de infra-estrutura e de incorporação das regiões rurais. Logo, na ausência de crises econômicas ou políticas que interrompam a trajetória de crescimento do país, a maioria dos prognósticos é de um possível aumento do déficit comercial do país nesses setores. Nesse contexto, alguns países da América do Sul, que são importantes produtores mundiais de minerais e produtos agrícolas, podem continuar se beneficiando da demanda chinesa. A elevação dos preços de algumas *commodities*, a partir do final da década de 90, está associada, em parte, ao aumento da demanda mundial desses produtos pela China.

O “tema China” para os países sul-americanos não se reduz, entretanto, ao potencial da demanda por produtos agrícolas e minerais para os países sul-americanos.

A China é o segundo maior exportador de têxteis — a sua participação nas exportações mundiais desse produto aumentou de 10,3% para 20,2%, entre 2000 e 2005, segundo a Organização Mundial do Comércio (2006).<sup>4</sup> No setor de vestuário, o país ocupa também a segunda posição (a participação aumentou de 18,2% para 26,9%).

O avanço chinês no mercado mundial não está meramente associado às indústrias tradicionais de manufaturas. Primeiro, o país passou de importador líquido para exportador líquido de aço. As exportações chinesas de aço e ferro representaram 6,1% das exportações mundiais, em 2005 (um aumento de três pontos percentuais em relação ao ano de 2000), conferindo ao país, a terceira posição na lista dos principais exportadores.<sup>5</sup> É também, o terceiro maior importador (participação cresceu de 6,2 para 7,8 por cento).

No setor de automóveis, a participação nas exportações mundiais de automóveis aumentou de 0,3% para 1,1%, entre 2000 e 2005. O país está em oitavo lugar, após o Brasil, que registrou participação de 1,3%. As exportações chinesas de produtos de telecomunicações conferem ao país o segundo lugar no comércio mundial (a participação cresceu de 6,8% para 20,4%, entre 2000 e 2005, enquanto o percentual relativo às importações passou de 4,2% para 6,6%). No setor de circuitos

e componentes eletrônicos, o percentual entre os anos analisados passou de 1,7% para 5,9% (nono principal exportador) e de 6,5% para 24,6% (primeiro importador mundial).

O que esses dados representam para os países sul-americanos?

A China não deve ser analisada somente como mercado potencial para recursos minerais e produtos agrícolas. Em setores em que alguns países sul-americanos apresentam um bom desempenho no comércio mundial, como produtos siderúrgicos e automóveis (caso do Brasil), as exportações chinesas apresentam tendência crescente. Nos setores associados às novas tecnologias, o país está entre os exportadores líderes mundiais. A entrada dos produtos chineses nos mercados dos países desenvolvidos, exigentes em termos de qualificação dos produtos, sugere que a idéia de uma China “exportadora de quinquilharias” é tema do passado.

## O Comércio da China: O Quadro dos Países Sul-Americanos

A China está entre os dez principais mercados de exportações para todos os países sul-americanos, exceto Colômbia e Equador (tabela 3). Chile e Peru apresentam os maiores percentuais de participação da China — 11,1% e 10,8% — seguidos da Argentina (7,9%) e do Brasil (5,8%). Todos os outros países registram participações abaixo de 5%. Esses resultados expressam as vantagens dos países como fornecedores de matérias-primas minerais e agrícolas e o grau de diversificação de suas pautas. O Brasil, embora seja o principal mercado sul-americano das importações chinesas possui uma pauta mundial de exportações mais diversificada que a do Chile e do Peru.

Nas importações, a China está entre os dez principais parceiros para todos os países. A participação da China é superior a 5%, chegando a 20,5% no Paraguai, em todos os países. A única exceção é a Venezuela, que registra uma participação de 3,7%.

A importância da China para o comércio dos países sul-americanos deve ser avaliada em relação aos outros parceiros. As tabelas 4 e 5 mostram a participação, o crescimento e a contribuição para o crescimento das exportações e importações entre os anos de 2000 e 2005.

4 Os dados da OMC consideram, na lista dos principais exportadores e importadores mundiais, a União Européia como um “único país”. Logo, a União Européia está classificada como principal exportador e importador em quase todos os setores.

5 O Brasil ocupou a oitava posição, em 2005.

Tabela 3: Classificação da China no Comércio dos Países Sul-Americanos (2005)

<b>Exportações</b>			
País	Valor (US\$ milhões)	Posição	Participação (%)
Brasil	6.833,7	3°	5,8
Chile	4.389,9	3°	11,1
Argentina	3.154,3	4°	7,9
Peru	1.867,9	2°	10,8
Venezuela	1.005,7	5°	1,6
Colômbia	236,7	17°	1,1
Uruguai	119,6	7°	3,5
Paraguai	69,6	5°	4,1
Equador	38,8	29°	0,3
Bolívia	28,5	9°	1,3
<b>Importações</b>			
País	Valor (US\$ milhões)	Posição	Participação (%)
Brasil	5.888,6	4°	7,3
Chile	2.535,1	4°	7,8
Argentina	2.237,1	3°	7,8
Colômbia	1.616,8	3°	7,6
Peru	1.120,6	2°	8,5
Venezuela	889,0	6°	3,7
Paraguai	734,2	2°	20,5
Equador	514,1	5°	5,2
Uruguai	242,3	6°	6,2
Bolívia	136,0	10°	5,8

Fonte: Direction of Trade Statistics

Exceto Equador e Uruguai, em todos os países, as maiores taxas de crescimento das exportações entre o ano 2005 e 2000 está associada ao mercado chinês. E, em todos os casos, as taxas superam o valor de 100%. As elevadas taxas de crescimento levaram ao aumento da participação da China nas pautas exportadoras. No caso do Brasil, por exemplo, esse aumento foi de 1,8% para 5,8%, entre os anos de 2000 e 2005.

A China passou a ser um dos principais mercados de destino das exportações sul-americanas, como já assinalado. No entanto, a análise da contribuição para o crescimento mostra que o único país onde a contribuição da China supera a dos outros mercados é a Argentina (17,1%).<sup>6</sup> Mesmo assim, o valor é próximo ao do mercado sul-americano (16,4%). Percentuais acima de 10% relativos à contribuição chinesa são registrados também no Chile e no Peru, embora a maior contribuição, no primeiro caso esteja associada ao mercado europeu (22,4%) e no Peru, aos Estados Unidos (33,1%). No caso do Brasil, a maior contribuição é da União Européia (18,8%), seguida da América do Sul (16,9%), Estados Unidos (15,9%) e China (9,8%).

No conjunto dos países analisados, os Estados Unidos aparecem com a maior taxa de contribuição para o aumento das exportações em cinco mercados, a América do Sul em dois mercados, a União Européia em dois mercados e a China, em um. Em sete países, a contribuição da América do Sul foi acima de 15% e foi negativa para dois — Uruguai e Venezuela.

As taxas de crescimento das importações chinesas em todos os países superam 100% e são as maiores em comparação com os outros mercados analisados. O Brasil é o único país em que a contribuição das importações chinesas supera a dos demais mercados (23,9%). Em adição é o único país em que a contribuição das importações sul-americanas é negativa. Em oito países, a maior taxa de contribuição para o aumento das importações está associada ao mercado sul-americano. Esse resultado reflete em alguma medida o tema da assimetria do comércio do Brasil com seus parceiros sul-americanos. O Brasil é um importante “vendedor” para a região e um “pequeno comprador”.

Na comparação entre as taxas de contribuição das exportações e importações da China, os maiores percentuais se referem às importações. Três países registram uma contribuição para as importações acima de 30%; dois países entre 20 e 30 por cento; três países entre 10 e 20 por cento; e apenas o Equador apresenta um percentual abaixo de 10%. Nas exportações, a maior contribuição foi 17,1% e apenas três países registram valores entre 10 e 20 por cento.

O que se pode concluir?

A participação da China como mercado de destino das exportações e origem das importações sul-americanas aumentou de forma expressiva entre os anos 2000 e 2005, em função das elevadas taxas de crescimento. No entanto, a contribuição para

<sup>6</sup> A contribuição para o crescimento mostra, em função da participação e da taxa de crescimento, quanto cada país explica para o aumento/queda dos fluxos comerciais.

o crescimento dos fluxos de comércio é maior nas importações e esse é um resultado geral para todos os países. Nas exportações, a contribuição da China tende a estar concentrada nos grandes produtores de recursos minerais e agrícolas da região — Argentina, Brasil, Chile e Peru.

Tabela 4: Exportações dos Países Sul-Americanos (2005)

<b>Argentina</b>					
Mercados	Valor (US\$ Milhões)	Participação (%)		Crescimento (%) 2000/2005	Contribuição (%) p/ o crescimento
		2000	2005		
China	3.154,29	3,0	7,9	295,8	17,1
América do Sul	14.310,41	45,8	35,7	18,7	16,4
Estados Unidos	4.570,42	12,0	11,4	45,2	10,3
União Européia		18,1	16,9	42,4	14,7
Total*	40.103,70	78,9	71,9	52,2	
<b>Bolívia</b>					
China	28,49	0,4	1,3	417,4	3,0
América do Sul	1584,30	43,7	70,7	145,6	122,7
Estados Unidos	279,64	24,0	12,5	-21,0	-9,7
União Européia	151,20	17,1	6,7	-39,9	-13,1
Total	2240,34	85,2	91,2	51,9	100,0
<b>Brasil</b>					
China	6.833,67	1,8	5,8	529,7	9,8
América do Sul	21.119,20	18,8	17,8	88,5	16,9
Estados Unidos	22.741,90	22,4	19,2	70,0	15,9
União Européia	26.551,40	25,9	22,4	71,7	18,8
Total	118.469,00	69,0	65,2	98,6	
<b>Chile</b>					
China	4.389,87	4,7	11,1	384,7	17,2
América do Sul	4.449,58	15,2	11,3	52,0	7,5
Estados Unidos	6.248,35	16,8	15,8	92,7	14,8
União Européia	9.067,97	23,5	22,9	99,9	22,4
Total	39.544,20	60,18	61,09	104,94	

\* O total das participações é a soma das regiões descritas na tabela e o crescimento é o total das exportações mundiais do país

<b>Colômbia</b>					
China	236,689	0,2	1,1	706,2	2,6
América do Sul	4675,46097	20,7	22,1	71,4	24,3
Estados Unidos	8851,63	50,4	41,8	33,5	27,7
União Européia	2828,29	13,9	13,3	54,4	12,4
Total	21190,30	85,2	78,3	61,0	
<b>Equador</b>					
China	38,81	1,3	0,3	-46,7	-0,6
América do Sul	1.909,36	18,6	17,1	77,8	15,5
Estados Unidos	5.649,73	38,4	50,6	154,0	63,6
União Européia	1.919,74	15,5	17,2	113,9	19,0
Total	11.171,90	73,8	85,2	93,0	
<b>Paraguai</b>					
China	69,64	0,7	4,1	1081,0	7,8
América do Sul	1.039,61	74,2	61,6	61,1	48,2
Estados Unidos	54,86	3,9	3,3	63,0	2,6
União Européia	103,44	13,6	6,1	-12,6	-1,8
Total	1.687,82	92,4	75,1		
<b>Peru</b>					
China	1.867,89	6,5	10,8	318,6	13,7
América do Sul	2.760,48	14,1	16,0	184,9	17,2
Estados Unidos	5.370,98	28,1	31,1	178,3	33,1
União Européia	2.965,28	21,7	17,2	98,6	14,2
Total	17.269,10	70,4	75,1	151,3	
<b>Venezuela</b>					
China	1.005,66	0,1	1,6	4272,4	3,3
América do Sul	2.969,69	9,3	4,7	-4,1	-0,4
Estados Unidos	32.083,70	51,9	50,9	85,5	49,8
União Européia	4.244,53	5,0	6,7	156,4	8,7
Total	63.032,40	66,2	63,9	89,0	
<b>Uruguai</b>					
China	119,59	4,0	3,5	31,1	2,6
América do Sul	963,24	49,0	28,3	-14,3	-14,5
Estados Unidos	788,95	8,4	23,2	311,1	53,9
União Européia	597,64	16,3	17,6	59,6	20,1
Total	3.402,64	77,6	72,6	48,3	

Fonte: Direction of Trade Statistics

Tabela 5: Importações dos Países Sul-Americanos (2005)

<b>Argentina</b>					
Mercados	Valor (US\$ Milhões)	Participação (%)		Crescimento (%) 2000/2005	Contribuição (%) p/ o crescimento
		2000	2005		
China	2.237,12	4,6	7,8	93,4	32,0
América do Sul	12.028,95	31,9	42,0	49,0	117,1
Estados Unidos	4.046,28	19,1	14,1	-16,1	-23,0
União Européia	4.833,33	23,6	16,9	-18,9	-33,3
Total*	28.661,00	79,2	80,8	13,4	
<b>Bolívia</b>					
China	136,02	3,4	5,8	95,1	20,7
América do Sul	1.355,93	48,3	57,9	38,8	118,3
Estados Unidos	324,03	22,5	13,8	-28,7	-40,7
União Européia	223,48	11,4	9,5	-2,8	-2,0
Total	2.343,29	85,6	87,0	15,8	
<b>Brasil</b>					
China	5.888,59	2,2	7,3	338,2	23,9
América do Sul	11.753,13	19,4	14,5	-1,8	-1,2
Estados Unidos	14.137,70	23,12	17,47	-1,15	-0,9
União Européia	19.960,80	25,89	24,66	24,63	20,7
Total	80.928,30			30,8	
<b>Chile</b>					
China	2.535,07	5,1	7,8	166,7	11,5
América do Sul	10.559,25	28,6	32,7	98,9	38,1
Estados Unidos	4.722,14	17,8	14,6	43,2	10,3
União Européia	5.041,50	15,7	15,6	73,2	15,5
Total	32.321,30	67,27	70,72	74,38	
<b>Colômbia</b>					
China	1616,82	1,5	7,6	841,8	14,6
América do Sul	4525,4977	23,0	21,2	72,8	19,3
Estados Unidos	6033,24	35,4	28,5	50,4	20,5
União Européia	2924,02	17,4	13,8	48,2	9,6
Total	21202,30	77,4	71,1	87,3	

<b>Equador</b>					
China	514,14	2,1	5,2	524,1	7,3
América do Sul	3.985,57	32,4	40,5	213,2	45,9
Estados Unidos	2.177,45	28,4	22,1	95,4	18,0
União Européia	1.201,28	13,8	12,2	121,4	11,1
Total	9.845,89	76,6	80,0	150,5	
<b>Paraguai</b>					
China	734,18	10,7	20,5	203,9	37,3
América do Sul	1.799,56	48,5	50,3	64,4	53,4
Estados Unidos	190,10	7,2	5,3	17,5	2,1
União Européia	225,69	11,4	6,3	-12,4	-2,4
Total	3.576,57	77,8	82,5	58,6	
<b>Peru</b>					
China	1.120,57	4,1	8,5	240,6	15,3
América do Sul	4.972,87	33,7	37,6	83,6	43,7
Estados Unidos	2.401,78	24,7	18,2	21,2	8,1
União Européia	1.569,53	13,7	11,9	42,6	9,0
Total	13.221,50	76,1	76,1	64,5	
<b>Venezuela</b>					
China	889,04	1,0	3,7	424,3	10,6
América do Sul	6.426,15	15,5	26,7	140,6	55,4
Estados Unidos	7.583,65	33,5	31,6	31,2	26,6
União Européia	3.281,07	15,6	13,7	21,9	8,7
Total	24.028,70	65,6	75,7	39,3	
<b>Uruguai</b>					
China	242,29	3,2	6,2	116,0	31,5
América do Sul	1.956,45	50,4	50,4	11,9	50,5
Estados Unidos	260,85	9,8	6,7	-23,1	-19,0
União Européia	416,05	18,8	10,7	-36,1	-56,8
Total	3.878,73	82,2	74,1	11,9	

Fonte: Direction of Trade Statistics

\* O total das participações é a soma das regiões descritas na tabela e o crescimento é o total das importações mundiais do país

O crescimento da China no comércio mundial influencia a pauta de comércio dos países sul-americanos. No entanto, a dinâmica do comércio da região é explicada majoritariamente pelas relações intra-regionais e com os mercados estadunidense e europeu. Ressalta-se, entretanto, que o grau de importância desses mercados varia entre os países.

Há projeções que a China será a maior economia mundial em termos de PIB (produto interno bruto) nas próximas décadas. Logo, existe a probabilidade, se mantidas as altas taxas de crescimento observadas no comércio com os países sul-americanos, que o país passe a ser o principal parceiro comercial de grande parte dos países, uma posição atualmente ocupada pelos Estados Unidos.

## O Comércio da China: Fatos Estilizados sobre o Brasil.

No ano de 1989, 60% das exportações brasileiras para a China eram de produtos manufaturados. No ano de 2006, 74% das exportações brasileiras para a China são de produtos básicos.<sup>7</sup>

Os cem principais produtos exportados brasileiros para a China explicaram 96,5% do total das exportações para esse mercado, em 2006. Outros como grãos de soja e minérios de ferro respondem por 54,4% do total das exportações. Os outros três principais produtos são: óleo bruto de petróleo, outros concentrados de minério de ferro e pasta química de madeira. A soma dos cinco principais produtos de exportação foi de 74,3%.

Os cem principais produtos somam 53,2% das importações brasileiras oriundas da China. Os cinco principais produtos são: partes de aparelhos transmissores; dispositivos de cristais líquidos; terminais de telefones celulares; outros aparelhos videofônicos de gravação; e outros aparelhos receptores de radiodifusão e TVs. Os cinco produtos explicam 15,5% do total das importações brasileiras oriundas da China.

No ano de 2003, o Brasil registrou o mais alto superávit com a China na série histórica, desde 1980 — US\$ 2.385,12 milhões. No ano de 2006, o superávit foi de US\$ 410,43 milhões.

A relação comercial do Brasil com a China é caracterizada por um elevado grau de assimetria na composição das pautas de exportações e importações. A redução do

superávit com a China pode, em parte, ser reflexo da valorização cambial da moeda brasileira, embora a desvalorização da moeda chinesa em relação ao dólar atenuasse esse efeito. Independente de efeitos cambiais, a pauta de importações da China apresenta crescentemente a presença de produtos de maior valor adicionado. Em adição, a diversificação das exportações chinesas é traduzida na substituição dos fornecedores asiáticos e, em parte, europeus e estadunidenses desses produtos, o que direciona o tradicional déficit brasileiro desses produtos para a China. Em janeiro de 2007, a balança comercial com a China foi deficitária e o país passou a ser a segunda maior fonte de importações, ultrapassando a Argentina.

As principais importações chinesas estão concentradas em máquinas e aparelhos elétricos e mecânicos (42% do total das importações). Nesses setores, a participação do Brasil nas importações chinesas é inferior a um por cento. A participação do Brasil é importante nas importações chinesas como minério de ferro e escórias, mas a participação desses produtos nas importações totais da China é de 3,08%.

É difícil imaginar uma grande mudança na estrutura do comércio Brasil-China nos próximos anos. A concentração da pauta chinesa mundial nas importações de máquinas e componentes elétricos se repete em relação às suas exportações. Esse resultado se explica pelo comércio intra-indústria impulsionado pelo investimento direto estrangeiro no país. Logo, esse resultado está associado, em grande parte, às estratégias de localização da produção das empresas transnacionais.

A presença do Brasil nos fluxos mais dinâmicos de importações chinesas depende de mudanças na oferta brasileira de exportações. Por exemplo, o país passou a ser competitivo na oferta de componentes eletrônicos, um dos itens em que a China apresenta elevada participação nas importações mundiais (24,6%). No entanto, a produção dessas mercadorias é dominada pelas empresas transnacionais e, como já assinalado, depende de qual papel é reservado ao Brasil na cadeia produtiva global.

O quadro geral não exclui a possibilidade da presença de fluxos de exportações brasileiras de maior valor adicionado associados ao setor de manufaturas. Na pauta dos cem principais produtos brasileiros exportados para a China estão presentes motores, peças para automóveis, entre outros. A identificação de novas oportunidades é um desafio permanente para os setores exportadores brasileiros. No entanto, é sempre importante assinalar que a oferta brasileira depende essencialmente da competitividade dos produtos brasileiros, uma agenda que não é específica ao comércio Brasil-China.

Outro tema destacado quanto à possibilidade de incremento do comércio se refere à possibilidade de investimentos chineses no Brasil. O Brasil é um importante

<sup>7</sup> Os dados do comércio China-Brasil são da Secretaria de Comércio Exterior divulgados na página do Ministério de Desenvolvimento [www.desenvolvimento.gov.br](http://www.desenvolvimento.gov.br).

fornecedor de minério de ferro e soja para a China. Logo, haveria interesse em investimentos que permitissem a transformação desses produtos em solo brasileiro e construção de infra-estrutura logística. Alguns sinais foram dados nessa direção com a implantação da Companhia Siderúrgica Atlântica, em Itaguaí, uma parceria com a Companhia Vale do Rio Doce. No entanto, seria prematuro afirmar que a China identifica o Brasil, como um dos seus principais mercados para investimentos. No tema de aproveitamento de recursos minerais, a China tem privilegiado o continente africano.

## A Agenda de Negociações China e Países Sul-Americanos: Uma Nota sobre o Brasil

O crescimento do comércio com a China é um fato comum para todos os países sul-americanos. No entanto, a condução das relações comerciais e os interesses nem sempre coincidem.

O Chile assinou um acordo de livre-comércio com a China, em 2005.<sup>8</sup> O acordo prevê que, em janeiro de 2015, 97% das tarifas de importações tenham sido eliminadas.

Em termos de linhas tarifárias, 37% dos produtos chilenos terão acesso imediato ao mercado chinês, o que corresponde a 92% do valor das exportações para a China.<sup>9</sup> A oferta chilena para entrada imediata no mercado foi de 75% das linhas tarifárias e que corresponderiam a 50% do valor importado da China. Na lista de acesso imediato estão incluídos automóveis, celulares, computadores, entre outros. No caso de automóveis, em especial, o acordo poderá afetar as exportações brasileiras para o mercado chileno.

Alguns produtos sensíveis foram excluídos do acordo. Alguns exemplos, no caso do Chile, incluem trigo, açúcar, produtos metalúrgicos e alguns itens de bens duráveis de consumo da “linha branca”. A China exclui arroz, trigo, azeite, açúcar, papéis e produtos editoriais. Alguns produtos que integram a lista dos principais produtos de exportações chilenas, como farinha de pescado, vinhos e algumas madeiras, só terão acesso livre ao mercado chinês no prazo de 10 anos.

8 A análise é pautada no documento do Ministério das Relações Exteriores do Chile, Direcon (2006).

9 No comércio internacional, os produtos são classificados pela Nomenclatura do Sistema Harmonizado. Cada produto está associado à tarifa de importação praticada pelo país. Logo, o acordo para o Chile significa que 37% do universo tarifário dos seus produtos terão acesso imediato ao mercado chinês. No entanto, esses produtos constituem 92% do valor exportado do Chile para a China.

O Chile possui uma tarifa uniforme de importações — igual tarifa para todos os produtos — de 6% devendo baixar para 3%. Um país com tarifa uniforme sugere que a política comercial não é utilizada como instrumento de proteção e estímulo a setores domésticos. Logo, a decisão de realizar um acordo de livre-comércio com outros países é relativamente “mais fácil”. Não é por acaso que o Chile é um dos países sul-americanos que já assinou mais acordos fora do eixo sul-americano.

O acordo Chile-China, entretanto, não se resume ao tema de comércio de mercadorias. É incluído um acordo para a cooperação nas áreas de trabalho, seguridade social, meio-ambiente, formação técnica e de engenharia e cooperação científica e tecnológica. Chile poderia propiciar cooperação na área de sistemas previdenciários, um tema em debate atualmente na sociedade chilena, e a China, cooperação na área de formação tecnológica, uma das questões destacadas como o “desafio chileno”.

O principal ponto a ressaltar, entretanto, é a definição clara dos objetivos de um acordo com a China. O objetivo é atrair investimentos chineses para que o país seja uma plataforma de exportações para a região sul-americana e ao mesmo tempo atrair investimentos sul-americanos para ser uma plataforma de exportações para a China. A grande moeda de barganha do Chile é o cobre, uma matéria-prima essencial na indústria eletrônica e, ao mesmo tempo, a decisão de que o país não visa ter um parque industrial diversificado. Em adição, o potencial de “plataforma de exportações” seria um fator para a atração de investimentos de infra-estrutura no país.

Se os objetivos do Chile no acordo com a China serão cumpridos é uma questão “em aberto”. No entanto, é importante salientar que a China tem ampliado a sua agenda de acordos comerciais preferenciais regionais.<sup>10</sup>

No caso do Brasil, não há proposta para a realização de um acordo de livre-comércio com a China. Uma liberalização similar ao acordo com o Chile provavelmente iria acirrar a assimetria dos fluxos comerciais. No entanto, a formação do G-20, durante a Conferência Ministerial de Cancún (2003) da Organização Mundial de Comércio, sugeriu a possibilidade de que a aliança com a China, na área agrícola, pudesse se estender para outros temas.

Ferraz e Pereira (2005) analisaram o impacto para o Brasil da entrada da China na Organização Mundial do Comércio, em 2001, e concluíram que o país não é um “aliado”

10 Há negociações, já em vigor, para um acordo de livre-comércio com a Austrália e a Nova Zelândia. Existem propostas para acordos com os membros da União Aduaneira da África do Sul, Índia e o Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo. Em adição, a China já assinou um acordo de livre-comércio com os países membros da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático).

natural. Na área de produtos industriais, a China possui tarifas mais baixas que as do Brasil e o seu interesse é o acesso a mercados de outros países. Em adição, o país assinou o *Information Technology Agreement*, que requer a eliminação de todas as tarifas incidentes sobre computadores, semicondutores e outros produtos de informática. Também, irá implementar as reduções tarifárias em 70% dos 1.100 produtos cobertos pelo Acordo de Harmonização Tarifária dos Produtos Químicos. O Brasil não é signatário de nenhum desses acordos e, até o momento, tem uma posição defensiva.

Na área agrícola, a posição brasileira é ofensiva para acesso a mercados e para a eliminação dos subsídios. A China demanda acesso a mercados, mas é relutante para o término dos subsídios. O país já se comprometeu a reduzir 8,5% dos subsídios domésticos, um percentual abaixo do negociado para países em desenvolvimento (10%) e acima do limite para os países desenvolvidos (5%). Em adição, a China tem uma posição peculiar quanto aos interesses agrícolas. De um lado, é uma grande importadora desses produtos. Por outro lado, a necessidade de evitar um êxodo rural descontrolado, na hipótese de livre mobilidade do trabalho, leva a que defenda políticas de proteção à renda agrícola. O tema da segurança alimentar é vital para a China.

Num contexto geral, a China e o Brasil, assim como os outros países sul-americanos, são aliados na defesa de uma agenda que assegure condições propícias para o desenvolvimento de suas economias. No entanto, na área estritamente comercial, não é claro que haja uma posição comum e totalmente consensual.

## Conclusão

No contexto do debate sobre a integração sul-americana, a realização de acordos bilaterais com os Estados Unidos tende a ser interpretada como um fator que contribui para a fragilidade da integração regional. A paralisação das negociações da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) levou o governo estadunidense a privilegiar acordos bilaterais onde “impõe” a agenda temática ampla dos acordos de nova geração. Nesse caso, além dos temas presentes na ALCA, são incluídas cláusulas ambientais, cláusulas de trabalho e políticas de competição. Esse é o caso do acordo já assinado com o Chile, em vigor desde 2005, e dos acordos com a Colômbia e o Peru.

Não há consenso sobre a agenda dos acordos comerciais proposta pelos Estados Unidos nos países sul-americanos. Em adição, há diferenças na avaliação da impor-

tância da área de livre-comércio com os Estados Unidos, não apenas por razões políticas, mas principalmente em função das estruturas produtivas de cada país.

A integração sul-americana faz parte da agenda de acordos dos países sul-americanos. No entanto, apesar dos renovados compromissos dos governos com a integração, não são consensuais os instrumentos a serem privilegiados e nem o papel que a integração desempenha nos projetos nacionais de cada país. A fragilidade da integração não é função da realização de acordos com os Estados Unidos. Não obstante, pode ser sugerido que o fator “Estados Unidos”, na avaliação das agendas de acordos comerciais dos países sul-americanos, tendeu a exercer uma força centrífuga na formação de uma agenda comum de integração sul-americana.

Os dados comerciais mostram a crescente importância da China na América do Sul. Do lado das exportações, a demanda chinesa de produtos agrícolas e minerais contribui para o superávit comercial dos países. Do lado das importações, duas questões se destacam. Primeira, os produtos chineses têm substituído algumas fontes tradicionais de produtos industriais de maior valor adicionado (complexo eletro-eletrônico). Segunda, as importações oriundas da China competem no mercado doméstico e em terceiros países com os produtos sul-americanos.

Uma questão nova surge, portanto, no cenário sul-americano. A importância crescente da China será um fator que aglutina os interesses dos países sul-americanos? De forma geral são todos exportadores de *commodities* para a China e importadores de manufaturas.

Pereira (2006) analisa o papel da China para a economia brasileira. Na década de 80, o crescimento da economia japonesa associado a demandas por matérias-primas brasileiras foi objeto de análises que previam a possibilidade de grandes parcerias através do aumento dos investimentos. Algumas iniciativas foram realizadas na área de mineração, mas não se alterou o quadro das relações comerciais Brasil-Japão. A China é um país que está em processo de expansão e de internacionalização, e a sua demanda por matérias-primas exerce uma influência maior no comércio internacional que o Japão da década de 80. Há possibilidades de ganhos, mas não deve ser esperado “tratamento especial” para o Brasil. A diversificação da pauta de exportações do Brasil e a agenda de atração de novos investimentos diretos estrangeiros devem contemplar as novas perspectivas que surgem com o “dragão chinês”, sem descuidar da agenda com os países desenvolvidos e da integração sul-americana.

Essa mesma conclusão pode ser estendida a todos os países sul-americanos. Na agenda de integração, a China pode ser um fator aglutinador se os países, que são os

principais fornecedores de *commodities*, consideram que é factível e importante estabelecerem diretrizes comuns quanto à exploração desses recursos. Da mesma forma, a relação entre atração de investimentos associados à exploração dos recursos e diversificação das atividades produtivas requer um mínimo denominador comum no campo das políticas e dos quadros regulatórios dos países. Em adição, a concorrência dos produtos chineses com os produtos sul-americanos no mercado intra-regional requer medidas que facilitem o comércio entre os países da região, além de identificação de parcerias comuns a serem exploradas.

Em suma, o “desafio China” pode ser interpretado como um fator que sugere a persistência na trajetória de integração da região, pelo menos, nas questões citadas. O cenário alternativo pode ser de uma “corrida” pelos investimentos chineses, caso esses cresçam para a região.

## Referências Bibliográficas

- DIRECON (2006). *Tratado de Libre Comercio Chile-China*. Dirección General de Relaciones Económicas Internacionales. Disponível em: [www.direcon.cl](http://www.direcon.cl).
- FERRAZ, Galeno e PEREIRA, Lia. *O Acesso da China à Organização Mundial do Comércio: Implicações para os Interesses Brasileiros*. Texto para Discussão 163, Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior, 2005.
- PEREIRA, Lia. “Relações Comerciais Brasil-China: um parceiro especial?”, *Cadernos Adenauer*, ano VII nº 1, Fundação Konrad Adenauer, 2006.